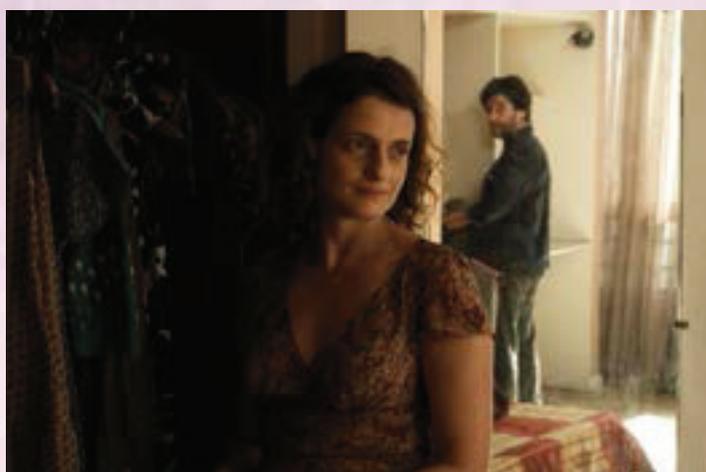


# Cinema e Gênero

A questão do gênero tem sido bastante discutida pela sua relevância e atualidade. No Brasil, muitas mulheres cineastas se destacam pelos seus filmes que provocam reflexões importantes, especialmente em termos de memória coletiva e de interações com a literatura e com a arte. Este texto enfoca diretoras que tem como tema fatos históricos que marcaram a identidade brasileira e momentos em que o país questionou sua democracia. Identidade e democracia são dois temas explorados por mulheres cineastas que devem ser reconhecidas pela sua audácia e sua visão crítica, nos deixando como legado a reconfiguração de fatos importantes que fazem parte da trajetória do país. Se a função da memória é “fundar um presente em relação com o passado”, como sugere Beatriz Sarlo (2006: 97), podemos destacar, entre outras, cinco produções brasileiras que revisitam o período ditatorial, com enfoques diversos, mas com o mesmo intuito de retornar, compreender melhor, entender o contexto daquele momento e construir um novo presente,



Hoje, 2011

sabendo das amarras de um passado autoritário e evitando os mesmos caminhos já percorridos. Entender o passado é tarefa necessária para a identidade de um país, para que a democracia seja respeitada, para que a história seja rememorada e para que o futuro seja melhor.

O filme de Tata Amaral, Hoje (2011), trata do passado no presente, com lembranças e reminiscências, tentando colocar o presente como urgente, como início de um novo ciclo. A protagonista decide que deve

considerar que seu marido não voltará e que sua vida deve continuar, mas o processo é complexo pela volta do companheiro em sua imaginação, reagindo contra sua decisão. O passado, metonimicamente representado pelo casal, volta à cena e questiona seu lugar na História e na Memória da Ditadura Brasileira. A seguinte citação de Sarlo pode ser adaptada para essa situação, quando a pesquisadora argentina sugere:

AUTORA:

Denize Araujo – coordenadora e professora do curso de especialização lato sensu em Cinema da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP); mestre, doutora e pós-doutora em Cinema.

*As “visões do passado (segundo fórmula de Benveniste) são construções.*

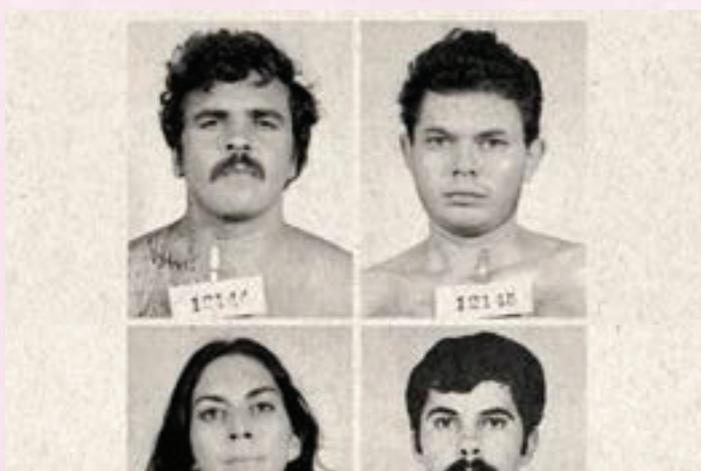
Justamente porque o tempo do passado não pode ser eliminado, e é um perseguidor que escraviza ou liberta, sua irrupção no presente é compreensível na medida em que seja organizada por procedimentos da narrativa e, através deles, por uma ideologia que evidencie um continuum significativo e interpretável do tempo. Fala-se do passado sem suspender o presente e, muitas vezes, implicando também o futuro. (2007: 12)

A citação também é adequada para o documentário *Repare Bem* (2012) de Maria de Medeiros, cujo título implica dupla conotação, seja no sentido de alertar para que todos reparem o que aconteceu durante a ditadura, seja para designar a reparação que os perseguidos políticos devem receber. Seguindo a trajetória de três



*Repare Bem*, 2012

gerações de mulheres brasileiras que lutaram contra a ditadura, a cineasta, embora sendo portuguesa, registra depoimentos de Denise Crispim, companheira de Bacuri, de sua filha Eduarda, e de sua mãe Encarnación. A volta ao Brasil, depois do exílio, é recompensada pela retratação do país. Outro documentário sobre a ditadura é *Retratos de Identificação* (2014), de Anita Leandro, que especifica que o filme procura resgatar uma história esquecida, sobre tortura a estudantes, enfatizando como a violência cometida teve grande impacto sobre suas trajetórias de vida. O filme foi apresentado na Mostra Arquivos da Ditadura, no Centro Cultural Justiça Federal, em setembro de 2014, assim como *Que bom te ver viva* (1989), da cineasta Lucia Murat, que sofreu torturas no período ditatorial e narra as ações de guerrilheiros que pegaram em armas contra o regime militar. Seu filme expõe o posicionamento de mulheres fortes que questionam o que consideram uma afronta à democracia. Mais tarde, Lucia Murat continua sua luta com o filme *A Memória que me contam* (2013), uma homenagem à ex-guerrilheira Vera Silvia Magalhães, que teve um papel marcante na resistência à ditadura.



*Retratos de Identificação*, 2014



Elena, 2014.

Outro filme relevante, documentário-homenagem, que deve ter seu devido reconhecimento, é Elena (2014). Além de ser uma homenagem à sua irmã morta, a cineasta brasileira Petra Costa cria elementos interativos de arte e intertextos significativos com quadros famosos em suas imagens de corpos flutuantes na água, remetendo à Ophelia de Shakespeare e sua representação na obra de John Everett Millais (1851), entre outras. O documentário faz alusão à ditadura e ao convívio de três mulheres, mãe e duas filhas, tendo a memória como resgate desse

contexto político representado artisticamente.

Em relação aos colonizadores, há filmes que são representativos e reavivam a memória coletiva, como Carlota Joaquina, Princesa do Brasil (1995), no qual a diretora Carla Camurati nos oferece seu ponto de vista paródico e inovador. O filme inaugura o período denominado de Retomada do cinema brasileiro e mostra a chegada da família real ao



Gaijin, 1980.

Brasil, para escapar das tropas de Napoleão, em 1808. A cineasta Tizuka Yamasaki relata a saga dos imigrantes japoneses em fazendas de café no Brasil, em dois de seus filmes: Gaijin – Os Caminhos da Liberdade (1980) e Gaijin- Ama-me como sou (2005). No momento, a cineasta está produzindo o docudrama 1817: A Revolução Esquecida, que vai inaugurar a série “História” da TV Escola. A diretora pretende trazer uma versão feminina da revolução.

Em 2014, a cineasta Ana Carolina Teixeira Soares lançou o metafilme A Primeira Missa ou Tristes Tropeços, Enganos e Urucum (2013) que, em tom satírico e crítico, incentiva a

reflexão sobre as dificuldades de se fazer cinema no Brasil, processo este que tem tido, desde o início, uma trajetória repleta de problemas na viabilização de projetos culturais. A cineasta, já reconhecida por seus filmes anteriores que revelam episódios da História do Brasil, como *Getulio Vargas* (1974), que recria a vida política do protagonista a partir de arquivos da Agência Nacional, e *Gregório de Mattos* (2002), sobre o poeta que, no século XVII, traça um perfil do povo brasileiro, em seu mais recente filme explicita sua visão crítica.



*Primeira Missa, ou Tristes Tropeços, Enganos e Urucum*, 2014.

Anita Malfatti e Tarsila Amaral devem ser também referenciadas. Ambas participaram da Semana de Arte Moderna de 1922, que revolucionou o olhar para obras de arte nacionais. Em sua obra *Tropical* (1917), Anita representou a mulher brasileira, assim como a vegetação, com as cores da bandeira. Tarsila, em *Abaporu* (1928), representou o Movimento Antropofágico, cujos ecos podem ser ouvidos até nossos dias. Com *A Negra* (1923), obra pintada em Paris, Tarsila declarou: “Sinto-me cada vez mais brasileira: quero ser a pintora da minha terra” (carta de Tarsila à família, Paris, 19/04/1923).



*Tropical*, 1917

Em termos socioculturais, se considerarmos que nossa identidade é híbrida, tendo assimilado hábitos de culturas que vieram ao país por razões diversas, podemos assumir que o questionamento por traços característicos continua e a memória que cineastas e artistas nos trazem, em relação ao tema cinema e gênero, é de fundamental importância para um repensar de nossa história, uma reafirmação de nossos valores essenciais e, especialmente, nos dias atuais, uma visão crítica sobre o que devemos refletir e o que realmente importa ao país